



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

EMIL UND DIE DETEKTIVE / 1931

(Emílio e os Detectives)

Um filme de GERHARD LAMPRECHT

Realização: Gerhard Lamprecht / **Argumento:** Billie (Billy) Wilder, a partir da novela homónima de Erich Kaestner / **Direcção de Fotografia:** Werner Brandes / **Som:** Hermann Fritzsching / **Música:** Schmidt-Boelcke / **Interpretação:** Fritz Rasp (o ladrão), Rolf Wenkhaus (Emil), Käthe Haack (Sra. Tischbein), Olga Engl (a avó), Inge Landgut (Huetchen), Hans Schaufuss (Gustav), Hans Richeter (Stag), Hans Loehr (Dienstag), Ernst-Eberhard Reling (Gerard), etc.

Produção: UFA / **Produtor:** Günther Stapenhorst / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, versão original com legendas electrónicas em português / **Duração:** 73 minutos / **Estreia em Portugal:** Central, a 20 de Dezembro de 1932.



Há obras-primas esquecidas de realizadores consagrados, mas também realizadores cuja obra se tem mantido, total ou parcialmente, na indiferença da obscuridade. No que toca à sessão de hoje, teremos que ficar, talvez, pelo meio-termo: ou seja, se se trata de um filme razoavelmente conhecido (até pela contribuição do jovem Billy Wilder, que aqui foi responsável pelo argumento), que na sua época foi extremamente popular (na senda do sucesso encontrado pela novela de Erich Kaestner que, aliás, conheceria posteriormente mais algumas adaptações cinematográficas), o seu realizador, Gerhard Lamprecht, continua a ser hoje em dia pouco mais (ou pouco menos) do que um ilustre desconhecido.

As razões para o anonimato de Lamprecht prendem-se em parte com a associação que as histórias do cinema costumam fazer entre um determinado período e uma determinada

corrente estética dominante. Tal tendência tem como principal consequência negativa a eliminação e o esquecimento de obras e autores que não se enquadrem nos estereótipos da corrente que se apresenta como dominante. O caso do cinema alemão dos anos 20 é bem paradigmático deste facto: habituados a ver a década de vinte como a década do expressionismo, para mais com duas sombras gigantescas como são as de Murnau e de Lang, quase nos esquecemos que para além disso havia mais cinema e cinema diferente. Há o exemplo de **Eifersucht**, um belíssimo filme de Karl Grüne cujo único pecado, na óptica das histórias do cinema tradicionais, é não ter nada a ver com os “demonismos” que então imperavam. E se a obra de Grüne sofreu com isso, o mesmo parece acontecer com o legado de Gerhard Lamprecht, que começou a filmar nos anos 20 sem se deixar influenciar um milímetro que fosse pelo movimento expressionista. Desse período, há boas referências de uma adaptação dos **Buddenbrooks** de Thomas Mann (em 1923) e de dois filmes de “realismo social” sobre as condições de vida das classes baixas na cidade de Berlim: **Die Verrufenen** (1925) e **Die Unehelichen** (1926). Já nos anos 30, e depois do sucesso popular e episódico de **Emil und die Detektive**, costumam-se referir como dignos de nota **Prinzessin Turandot** (de 1934) e uma versão da **Madame Bovary**, protagonizada por Pola Negri, datando de 1937. Depois da II Guerra Mundial, Lamprecht pouco filmou e a sua carreira termina em 1958 com a curta-metragem **Menschen im Werk**. Como curiosidade, e para completar este perfil de Lamprecht, diga-se que ele foi o autor de um catálogo completo da produção muda alemã entre os anos de 1903 e 1931 (*Deutsche Stummfilme 1903-1931*) e que a sua enorme colecção particular de material referente ao cinema alemão foi doada à Deutsches Kinemathek de Berlim, constituindo o grosso dos seus arquivos.

Emil und die Detektive é, como já se disse, a adaptação de uma popularíssima novela de Erich Kästner sobre um grupo de miúdos que consegue desmascarar e capturar um assaltante de bancos. Billy Wilder (então ainda “Billie”) foi o autor do argumento, mas esse é um dado que acaba por não contar muito, já que entre aquilo que é de Lamprecht e aquilo que provém de Kästner acaba por não haver muito espaço para se entrever claramente o “dedo” do futuro realizador de **One, Two, Three**. O que se vê é sobretudo a forma como a novela de Kästner veio ao encontro do gosto pela vertente “realista” do cinema cultivada por Lamprecht: não são apenas os cenários reais da Berlim de princípios dos anos 30, mas também o facto de todas as crianças do filme serem actores amadores sem qualquer experiência prévia (o único profissional entre os actores principais é Fritz Rasp, impecável na elegância cínica do ladrão). Por esse lado, **Emil und die Detektive** não deixa de lembrar e de se apresentar como uma espécie de precursor do **Aniki-Bóbó** que Manoel de Oliveira realizaria no décor real da cidade do Porto, com recurso a crianças igualmente sem qualquer experiência séria de representação. No entanto, e curiosamente, uma das mais entusiasmantes sequências pouco a nada tem a ver com qualquer espécie de realismo, já que se trata de uma sequência onírica. Retrata os pesadelos de Emil quando, no comboio, fica sozinho com Fritz Rasp, e faz uso de uma miríade de efeitos de fotografia e montagem, distorcendo as proporções e acabando com o jovem a voar sobre Berlim, agarrado a um guarda-chuva. Num filme tão arreigado a um universo profundamente realista, tal sequência vê o seu poder ampliar-se infinitamente, e fica como uma das coisas mais surpreendentes e inventivas de **Emil und die Detektive**.

Luís Miguel Oliveira